



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**YASMIN DOS SANTOS RENATO**

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE  
GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO**

**GUARABIRA  
2022**

YASMIN DOS SANTOS RENATO

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE  
GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**Área de concentração:** Geografia, Educação e Cidadania.

**Orientador:** Prof. Me. Ana Carla dos Santos Marques.

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R394r Renato, Yasmin dos Santos.

A representação da figura feminina nos livros didáticos de Geografia do ensino médio [manuscrito] / Yasmin dos Santos Renato. - 2022.

44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Ana Carla dos Santos Marques, Departamento de Geografia - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Livro didático. 3. Representações. 4. Feminina. I. Título

21. ed. CDD 372.891

YASMIN DOS SANTOS RENATO

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE  
GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado no Curso de  
Licenciatura Plena em Geografia, da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito à obtenção do título  
de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia,  
Educação e Cidadania.

Aprovada em: 04/04/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Ana Carla dos Santos Marques (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Angélica Mara de Lima Dias  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Juliana Nóbrega de Almeida  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha mãe e a meu pai por todo apoio durante a minha trajetória de vida e por serem a minha força motivadora.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pela sua graça de me permitir vivenciar este grande momento em minha vida.

À minha família pelo apoio e incentivo a continuar a lutar pelos meus objetivos.

A meu noivo por toda a motivação pela luta aos meus sonhos e por estar sempre presente em todos os momentos.

Aos colegas de classe, especialmente Débora e Janiel, pelos momentos de amizade e companheirismo dentro e fora da universidade.

A minha professora e orientadora Ana Carla pela contribuição ao meu trabalho.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB, Campus III pela contribuição ao meu desenvolvimento como futura professora de Geografia durante estes 5 anos.

“Para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.”

- Guacira Lopes Louro

## **043 - CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**TÍTULO:** A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO.

**LINHA DE PESQUISA:** Geografia, Educação e Cidadania.

**AUTOR:** Yasmin dos Santos Renato

**MATRÍCULA:** 171430026

**ORIENTADORA:** Prof<sup>ª</sup>. Ma. Ana Carla dos Santos - UEPB/CH/DG

**EXAMINADORES:** Prof<sup>º</sup>. Dra. Angélica Mara de Lima Dias – UEPB/CH/DG

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Juliana Nóbrega de Almeida – UEPB/CH/DG

### **RESUMO**

No processo de ensino-aprendizagem o professor utiliza alguns recursos e materiais didáticos e metodológicos que vão auxiliar para que a partir de sua prática, os alunos e alunas consigam desenvolver algumas habilidades e potencialidades, com a finalidade de torna-los pessoas ativas na sociedade em que vivem, entre estes recursos didáticos se destaca o livro, que atualmente ainda é o instrumento didático pedagógico mais utilizado na educação, principalmente na realidade brasileira, onde os aspectos socioeconômicos da maior parte da população são precários. Desta forma, deve ser garantido aos estudantes que este material supra suas necessidades de conhecimento de uma forma que não leve informações incoerentes ou dissemine nenhum tipo de desigualdade ou discriminação. Questões relacionadas as mulheres desde muito tempo geram desconfortos na sociedade em geral, e na educação não poderia ser diferente, neste sentido, o objetivo deste trabalho consiste na análise de livros didáticos utilizados na educação básica, com ênfase no ensino médio, para refletir sobre como a figura feminina é representada. Para tanto, a pesquisa tem caráter quali-quantitativo e se desenvolveu a partir da pesquisa bibliográfica, documental e levantamento estatístico. Como resultado, a pesquisa, evidencia que a representação feminina que encontramos na coleção de livros didáticos de Geografia do ensino médio mostra uma disparidade na presença de homens e mulheres, onde os homens se fazem mais presentes, e ainda quase em todas as vezes que aparecem mulheres, elas estão em situações de vulnerabilidade e desigualdade em relação ao gênero masculino. Desta forma, podemos afirmar que o livro didático de Geografia precisa urgentemente de mais presença, representação e valorização da mulher como figura importante na construção e reprodução dos espaços.

**Palavras-Chave:** Ensino de Geografia. Livro didático. Representações. Feminina.



**043 - FULL DEGREE IN GEOGRAPHY****TITLE:** THE REPRESENTATION OF THE FEMALE FIGURE IN HIGH SCHOOL GEOGRAPHY TEXTBOOKS.**RESEARCH LINE:** Geography, Education and Citizenship.**AUTHOR:** Yasmin dos Santos Renato                      **REGISTRATION:** 171430026**ADVISOR:** Prof<sup>a</sup>. Ma. Ana Carla dos Santos - UEPB/CH/DG**EXAMINERS:** Prof<sup>o</sup>. Dra. Angélica Mara de Lima Dias – UEPB/CH/DGProf<sup>a</sup>. Ma. Juliana Nóbrega de Almeida – UEPB/CH/DG**ABSTRACT**

In the teaching-learning process, the teacher uses some resources and didactic and methodological materials that will help so that, from their practice, students are able to develop some skills and potentialities, in order to make them active people in the society in which they live. who live, among these teaching resources, the book stands out, which is currently still the most used pedagogical teaching tool in education, especially in the Brazilian reality, where the socioeconomic aspects of most of the population are precarious. In this way, students must be assured that this material meets their knowledge needs in a way that does not lead to incoherent information or disseminate any type of inequality or discrimination. Issues related to women have long generated discomfort in society in general, and education could not be different, in this sense, the objective of this work is to analyze textbooks used in basic education, with emphasis on high school, to reflect on how the female figure is represented. Therefore, the research has a qualitative-quantitative character and was developed from bibliographic, documental and statistical surveys. As a result, the research shows that the female representation that we find in the collection of Geography textbooks for high school shows a disparity in the presence of men and women, where men are more present, and even almost every time they appear. women, they are in situations of vulnerability and inequality in relation to the male gender. In this way, we can say that the Geography textbook urgently needs more presence, representation and appreciation of women as an important figure in the construction and reproduction of spaces.

**Keywords:** Teaching Geography. Textbook. Representations. Female.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Capa de livro vol.1 .....	31
Gráfico 1-	Dados das imagens .....	32
Gráfico 2-	Dados dos textos.....	32
Figura 2-	Capa de livro vol.2 .....	33
Gráfico 3-	Dados das imagens.....	34
Gráfico 4-	Dados dos textos.....	34
Figura 3-	Capa de livro vol.3.....	35
Gráfico 5-	Dados das imagens.....	36
Gráfico 6-	Dados dos textos.....	36
Figura 4-	Catadoras de caranguejo.....	37
Figura 5-	Mulher coletando água.....	38
Figura 6-	Mulher carregando saco.....	38
Figura 7-	Agricultora trabalhando com criança.....	39
Figura 8-	Meninas nigerianas assustadas.....	39
Figura 9-	Marceneira produzindo em madeira.....	40

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	12
2	GÊNERO E IDENTIDADE: A HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE FEMININA .....	15
2.1	Educação e gênero: influências na formação da percepção socioespacial dos estudantes.....	22
2.1.1	Gênero e educação: a escolarização dos corpos e mentes.....	24
3	A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO .....	29
4	CONCLUSÃO .....	42
	REFERÊNCIAS .....	44

## 1 INTRODUÇÃO

A escola desempenha o papel de formar cidadãos e cidadãs capazes de pensar e refletir a sociedade, entender problemáticas vivenciadas cotidianamente e, também, compreenderem o espaço em que vivem. Libâneo (2003), afirma que o objetivo principal da instituição escolar é o desenvolvimento de algumas potencialidades de alunos e alunas por meio da aprendizagem dos conteúdos, para tornarem-se futuros cidadãos participativos na sociedade em que vivem. A partir disto, a escola e os professores utilizam a educação como instrumento de atuação no desenvolvimento desta comunidade.

Segundo Catapan (1996), o processo de ensino-aprendizagem é estabelecido como um conjunto de estratégias e ações que os alunos e alunas, realizam, com a gestão dos professores que o oriente de uma forma fácil para atingir os objetivos propostos. Para que a aprendizagem tenha mais êxito; os docentes deverão apresentar os conteúdos e fornecer subsídios para os educandos criarem sua própria forma de aprender.

A escola é uma instituição social dinâmica onde os indivíduos adquirem grande parte do conhecimento, e é a partir desse conhecimento que ele se torna capaz de construir saberes, e conceitos próprios para interpretar as ações humanas e sociais do seu cotidiano. O ambiente escolar permite aos seres humanos a interpretação do meio social, a partir das diversidades humanas encontradas neste espaço.

Por ser a Geografia uma ciência e disciplina escolar que se preocupa com a análise da relação sociedade-natureza, que se expressa através do trabalho e da cultura dos seres humanos, temos a certificação de que o gênero feminino é responsável da mesma forma por essa transformação espacial. Com isso percebemos como essa ciência/disciplina escolar deve ter a incumbência de discutir a temática em sala de aula, a partir da questão de gênero. No entanto, percebe-se que as discussões relacionadas a gênero são pouco presentes no processo de ensino-aprendizagem a partir da Geografia escolar.

Na realidade brasileira, a maioria dos conteúdos programáticos utilizados em sala de aula, ainda são definidos a partir do livro didático, que se configura hoje como o principal recurso didático utilizado no ambiente escolar. Por este motivo se faz necessário a análise dos elementos que compõem este material,

como os textos e as imagens, pois todos esses são objetos formadores de significações e representações a partir do olhar de quem vê, além de identificar temáticas relacionadas a gênero feminino que se façam presente neste recurso mediador.

A representação da mulher, enquanto gênero feminino, se correlaciona com a sua história e os diversos acontecimentos sociais ou culturais que determinaram sua trajetória de vida. Entretanto, apesar da mulher ser muito relevante no processo de construção e manutenção dos espaços, a evolução da humanidade sempre se remete à história dos homens, e não das mulheres, fazendo com que a evolução e trajetória feminina na sociedade seja baseada em histórias de luta e movimentos em prol do fim da discriminação e preconceito desta classe oprimida pela sociedade.

Desta forma, a educação se configura como um instrumento muito relevante para promover questões que contribuirão para uma educação igualitária e sem discriminação no ambiente escolar, objetivando eliminar todos os conteúdos sexistas e discriminatórios e promover a inserção de temas voltados para a igualdade e valorização das diversidades no ambiente escolar.

A importância deste trabalho consiste na ideia de investigar e analisar a presença da figura feminina a partir de imagens nos livros didáticos de Geografia do ensino médio, e como esta representação se dá. Foram examinadas ainda as questões de gênero e identidade, considerando o papel fundamental da mulher na formação e manutenção dos espaços, buscando analisar os conteúdos presentes no livro para compreender as representações de gênero que estão presentes no material. A escolha deste tema se deu através do contato que já se tinha com o estudo e análise do livro didático, a partir de uma participação de uma pesquisa do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) que buscou analisar este recurso a partir de outros aspectos, e visando a figura feminina e suas representações que se faz nos dias atuais, associamos este dois aspectos e desta forma chegamos a nosso tema e objetos de estudo, com a finalidade de que o professor se atente para que faça uma utilização de uma forma positiva deste recurso.

Esta pesquisa apresenta caráter quali-quantitativo e foi elaborada a partir das etapas da fase exploratória e análise e tratamento do material (MINAYO et al., 2008). Na fase exploratória foi realizada a pesquisa bibliográfica para o

aprofundamento teórico do tema e seleção dos livros didáticos necessários para a análise. O acesso a coleção de livros analisada, foi adquirido por meio de doação de uma escola estadual do município de Sapé-PB, que fazia uso dessa coleção com os alunos do ensino médio. Em seguida foi realizada a análise do material e o tratamento das informações a partir da elaboração de gráficos e a seleção de imagens que corroboram com a reflexão apresentada nesta pesquisa.

A pesquisa encontra-se dividida em três capítulos, no primeiro foi abordada a questão do gênero feminino de uma forma geral e como se deu o desenvolvimento de sua identidade, a partir de lutas e fatos históricos que foram essenciais para sua trajetória. Em seguida, apresenta-se a importância da escola no desenvolvimento social e espacial dos estudantes, correlacionamos com a ideia de gênero, reforçando que temas relacionados a discussões de gênero devem ser apresentados, com a finalidade de promover a igualdade e respeito às diferenças dentro e fora do ambiente escolar. E por fim, é apresentada a análise de uma coleção de livros didáticos para constatar como está sendo realizada a representação da figura da mulher nos livros didáticos de Geografia que estão sendo utilizados no ensino médio atualmente, para percebermos se esta representação está sendo feita de forma justa e igualitária quando correlacionada com a representação masculina.

É importante ressaltar que essa pesquisa não visa se limitar ao âmbito acadêmico, adentrando outros espaços pedagógico-formativos como escolas da rede pública que trabalham com livros didáticos em seus cotidianos. Os contextos em que se dão as atividades dessa proposta apontam para a necessidade de pesquisar o ensino-aprendizagem de Geografia, mas também ir além, contextualizando-o na coexistência com outros tipos de conhecimento, construindo uma experiência interdisciplinar.

## **2 GÊNERO E IDENTIDADE: A HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE FEMININA**

A construção identitária de um indivíduo, povo ou nação depende de um conjunto ou série de eventos que acontecem durante a vida desta pessoa, resultando em uma trajetória única e particular de cada indivíduo. Nesse sentido, Pedro (1997) afirma que subjetividade e suas dimensões é o que caracteriza as identidades sociais de cada indivíduo, pois a formação do sujeito ocorre dentro de uma rede de indicadores que estão vinculados a uma variedade de categorias biológicas, sociais e culturais, como idade, gênero, etnia e classe.

A família atinge um papel como agente construtor da identidade feminina, pois é no ceio familiar que a identidade da mulher ou do homem recebe as primeiras considerações culturais, e é a partir dela que os tipos de relações, comportamentos ou posicionamentos sociais e culturais vão se desenvolver.

Portanto a identidade de gênero se reflete como produto dos contextos ou comportamentos sociais aprendidos com a família e com outras instituições, como a escola ou a igreja. Neste contexto, as tarefas que são realizadas por um indivíduo juntamente com outros reflete na identidade, trazendo contribuições para ela, porém a identidade nunca está completa (PEDRO,1997).

Para refletir sobre o processo de construção da identidade da mulher é importante conhecer e compreender as características que se fizeram relevantes e que configuraram a sua história dentro da sociedade coletiva. Bourdieu (1983, p. 80,81) afirma que “desde que a história do indivíduo nunca é mais que uma certa especificação da história coletiva do seu grupo ou de sua classe, podemos ver num grupo as diferenças entre as trajetórias e as posições fora ou dentro do grupo”. Na visão do autor, a formação identitária da mulher faz parte e reflete a partir de processos e relações sociais, que é fruto de práticas, costumes e da cultura que a construiu.

Além disto, é de grande importância reconhecer que a história da identidade feminina foi construída socialmente por uma trajetória de lutas e resistência ao poder e opressão dos homens enquanto gênero masculino. Conforme afirma Reis (2015):

No caso das mulheres, suas características físicas e biológicas, serviram de fatores para sua inferiorização, mantendo-a subjugada e, dessa forma, mais disponível à exploração. De naturais, as diferenças entre os sexos passaram a ser culturais, e por isso a categoria de gênero é útil para compreender essa construção social, sobre o que é entendido como feminino ou masculino, e desnaturalizar a opressão feminina, ao revelar as bases materiais e simbólicas das desigualdades entre homens e mulheres (REIS, 2015, p. 14).

Portanto, os sujeitos resultam de experiências pessoais em diferentes situações e contextos e sua forma de agir vai contribuir na constituição de sua identidade, pois “a identidade é aberta, dominada pela incompletude, multiforme. Tem contornos fugidios e adota traços pessoais, culturais e contextuais que se confundem com a sua própria história” (Vieira, 2006, p.214).

A identidade feminina perpassa por múltiplas questões e aspectos durante a sua formação, possíveis de influenciar no seu processo, como questões familiares, relacionadas ao casamento, a discursos baseados em corpos e sexualidade ou até a influência da própria figura masculina, ou seja, são muitos aspectos que intervêm ou podem intervir neste processo de formação de identidade social da mulher.

A partir das condições de conhecimento intelectual da sociedade, surge o conceito de gênero nas ciências humanas e sociais, sendo marcado por trajetórias de lutas pelos direitos de igualdade. Conforme Waschinewski (2017), a categoria gênero passou a ser entendida como parte constituinte das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e constituídas no interior das relações de poder.

A representação da mulher, enquanto gênero feminino, se relaciona com a sua história e os diversos acontecimentos sociais ou culturais que determinaram sua trajetória de vida. Dessa forma, precisamos compreender que:

O conceito de gênero tem o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo dado e pronto no momento do nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas, os sujeitos, se tornem homens e mulheres de formas muito diversificadas, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas, religiosas, de classe consideram, permitem e possibilitam (CONFORTIN, 2003, p.109).

De acordo com Pereira (2013), a condição feminina foi construída de forma histórica e social e a história das mulheres se consolida a partir da sua trajetória de lutas e resistência ao poder e domínio dos homens enquanto gênero



masculino. A autora ainda afirma que a cronologia humana predomina, em quase todas as partes, a questões relacionadas ao homem, enquanto gênero masculino, e a centralidade da evolução da humanidade sempre foi vista e apresentada como a história dos homens e não das mulheres. Desta forma, corrobora McCann (2019)

A dominação masculina está enraizada no sistema patriarcal, que esteve na base da maior parte das sociedades humanas por séculos. O sistema patriarcal nasceu no momento em que as sociedades se tornaram mais complexas, passando a exigir mais regulação, e os homens criaram instituições que reforçavam seu poder e infligiam opressão às mulheres (MCCANN, 2019, p. 14).

De forma geral, a mulher sempre viveu em subordinação ou dominação do homem, e apesar do seu papel na formação e manutenção dos espaços ser relevante, ela quase não aparece nas questões relacionadas ao desenvolvimento e evolução da humanidade ao qual eleva o homem a uma situação de superioridade. Todas estas questões refletem na construção identitária feminina, tornando a maioria destas mulheres pessoas oprimidas e com identidades desestabilizadas. Schmitt, corrobora quando afirma

Esta evolução na relação entre homens e mulheres contribuiu para o avanço de processos democratizantes, nas relações familiares, afetivas e na vida em sociedade. Porém, muitas mulheres, ainda tem se limitado às restrições de espaços e ao controle de suas condutas a partir de uma dimensão de mando e subordinação (SCHMITT, 2016, p. 2).

A partir das lutas das mulheres para superar as desigualdades baseadas no sexo, surgiu um movimento que pode ser datado a partir de 1700, onde as mulheres já expressavam suas visões feministas e questionavam se a condição de desigualdade das mulheres era algo natural e que não poderia ser evitado. Em meados do século XVIII já se fazem presentes alguns dos primeiros textos feministas, onde a existência de algumas figuras foram muito importantes e significativas para a época, como Mary Astell que foi uma inglesa de classe média e ficou conhecida como a primeira inglesa que ganhou a vida com seus escritos, Sophia Elisabet Brenner, uma aristocrata culta que foi uma das primeiras a declarar que as mulheres mereciam ter os mesmos direitos que os homens, Anna Laetitia Barbauld, que citou que as mulheres prejudicadas deveriam se erguer e reivindicar seus direitos, e muitas outras que contribuíram para o movimento neste período da história.

Portanto, foi com o movimento Iluminista e a partir das Revoluções norte-americanas e francesa que o feminismo teve sua expansão. Podemos citar algumas publicações feitas por mulheres que foram relevantes para esta expansão, como a Declaração dos direitos da mulher e da cidadã publicada por Olympe de Gouges e a Reivindicação dos direitos das mulheres publicada pela escritora Mary Wollstonecraft.

Todavia, a palavra Feminismo só foi adotada como um conceito a partir de 1837 e utilizada pela primeira vez pelo francês Charles Fourier. De acordo com Hooks (2020, p.17), o movimento feminista tem como principal objetivo acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão, ou seja, para este movimento social todos os pensamentos e ações sexistas são prejudiciais, independente se esta ação é realizada por homem ou mulher.

Portanto, o feminismo não se resume na busca de mulheres em ser iguais aos homens ou mesmo se resume ao pensamento “anti-homem”, pois este sentimento apenas estava presente no início do movimento pelas primeiras ativistas que reagiam a ira masculina, onde o homem queria comandar os espaços e as mulheres apenas teriam que os seguir. Desta forma, a partir de muitas lutas sociais e resistência, o foco passou a ser a criação da justiça de gênero, reforçando que não apenas os homens deveriam mudar sua forma de ver e pensar as mulheres, mas, também as próprias mulheres que disseminavam pensamentos sexistas.

Normalmente isto acontecia pelo fato da diferença de classes e raça entre as mulheres que lutavam no movimento, onde o patriarcado capitalista da supremacia branca interferia para que as mulheres brancas de classe média se destacassem frente as outras e conseguiram tornar suas necessidades e preocupações como as questões que teriam que ser debatidas e colocadas em foco, fazendo com que o movimento se tornasse polarizado.

Nesse contexto, as mulheres brancas com privilégio de classe rapidamente se declaravam proprietárias do movimento, colocando todas as mulheres não brancas na posição de seguidoras. Todavia, na maioria das vezes os problemas e insatisfações destas mulheres se davam ao fato do confinamento e subordinação dentro do lar como donas de casa, enquanto outras mulheres enfrentavam outras questões bem mais complexas, principalmente por já serem integradas no mercado de trabalho, onde dedicavam grande parte do seu tempo

ao trabalho, submetidas a salários muito mais baixos do que os dos homens e ainda tinham que dar conta de tarefa doméstica. (HOOKS, 2020)

Enquanto o movimento e as pensadoras revolucionárias lutavam pelo fim do sistema patriarcal, o pensamento feminista reformista era focado apenas na igualdade em relação aos homens, o que por sua vez, ofuscou as origens radicais do feminismo e impactou para que a nação se tornasse fundamentalmente antissexista. Quando as mulheres brancas de classe média começaram a alcançar poder dentro das suas esferas econômicas, elas deixaram de levar em consideração os pensamentos revolucionários do movimento. Diante disso, Hooks (2020) afirma:

O patriarcado convencional reforçou a ideia de que as preocupações das mulheres de grupos com privilégio de classe eram as únicas dignas de atenção. A reforma feminista teve como objetivo obter igualdade social para mulheres dentro da estrutura existente. Mulheres privilegiadas queriam igualdade em relação aos homens de sua classe (HOOKS, 2020, p.69).

Esta forma de feminismo reformista se tornou um estilo de vida e um movimento social mais aceitável porque era como se as mulheres pudessem ser feministas, mas não precisariam negar ou desafiar a si mesmas ou as suas culturas. De acordo com essa ideia, Hooks (2020, p. 23) expõe que “as políticas feministas estão perdendo o *momentum* porque o movimento feminista perdeu suas definições claras”. Desta forma, algumas pensadoras feministas da época chegaram à conclusão de que deveria existir uma sororidade entre todas as mulheres envolvidas no movimento feminista para que juntas pudessem lutar contra o patriarcado, e para isto as questões relacionadas a classe e raça deveriam ser confrontadas. Segundo Hooks (2020)

Quando várias mulheres negras/não brancas viram mulheres brancas de classe privilegiada se beneficiarem economicamente dos ganhos do feminismo reformista mais do que outros grupos, do gênero sendo agregado a ações afirmativas raciais, isso simplesmente reafirmou o medo delas de que feminismo realmente significava aumento do poder branco (HOOKS, 2020, p. 72).

Nesse sentido, sociólogos que estudam o movimento feminista identificam três ondas principais e onde cada uma destas teve motivos e objetivos específicos. A primeira onda, datada do período do século XIX ao início do século

XX, teve como objetivos a luta por direitos iguais na lei, na educação, emprego e política. Uma das principais frentes de luta desta onda foi o ataque a leis que mantinham mulheres casadas em um papel de subordinação aos seus maridos, e isto resultou no Ato das Causas Matrimoniais em 1857, que possibilitou alguns direitos as mulheres dentro do matrimônio. Outra reivindicação nesta luta se deu ao acesso à universidade para as mulheres assim como era ofertado aos homens e além disto, também lutaram a favor de trabalho remunerado para as mulheres e a partir disto criaram sindicatos formados apenas por integrantes femininas.

A segunda onda do movimento mais conhecida como Movimento de Libertação das Mulheres floresceu a partir de 1960 e o slogan desta nova onda era “o pessoal é político”. Neste novo período as mulheres começaram a pensar seu papel em todos os aspectos da sociedade, de religião, poder e até mesmo sexualidade, e que todos os estes refletiam nelas e podiam ser elementos transformadores de suas realidades. Além disto, elas começaram a refletir e examinar suas experiências pessoais na forma como as mulheres eram vistas e tratadas dentro de casa e nos seus cotidianos.

Nessa segunda onda temos uma forte exploração das questões relacionadas a sexualidade, onde se contestam acima de tudo o direito reprodutivo e de fertilidade, com isto, elas conquistam com muito esforço a utilização da pílula contraceptiva oral nos EUA em 1960.

Destaca-se nesse contexto o livro “O segundo sexo” do ano de 1949 da escritora Simone de Beauvoir, que estuda e reflete sobre as condições e definições que são atribuídas as mulheres ao longo do período histórico, e torna-se a obra que embasa as teorias defendidas pelas mulheres neste período. Em relação a isso, McCann (2019), corrobora que

O segundo sexo é um trabalho filosófico, não um brado convocando à ação, mas mesmo assim, Beauvoir defende que as mulheres podem e devem reconhecer e desafiar a construção social da feminilidade. Elas devem buscar autonomia e liberdade por meio de um trabalho gratificante, de atividade intelectual, de liberdade sexual e mudanças sociais que incluem justiça econômica. O segundo sexo foi imensamente influente, por isso é difícil estimar seu impacto a longo prazo (MCCANN, 2019, p. 117).

No período entre o final da década de 1980 e início de 1990 começou a surgir uma grande onda antifeminista, formada por mulheres e homens que afirmavam que as mulheres já haviam conseguido o que queriam com o

feminismo e que não precisavam mais lutar pela igualdade dos gêneros e até citando um pós-feminismo<sup>1</sup>. Porém, algumas feministas e ativistas do movimento defenderam que ainda não existia uma igualdade total entre os sexos e que além disto, este não era o único objetivo do movimento.

No início dos anos de 1990, um movimento que surgiu em Washington, nos EUA, conhecido como “Riot Grrrl” que consistia no empoderamento pessoal, fortaleceu o início da terceira onda. Todavia, neste período acontecia muitas mudanças políticas que interferiram no movimento feminista, dando motivos para as mulheres protestarem, o que caracteriza a terceira onda com teorias novas<sup>2</sup> e conflitantes sobre sexo, gênero e identidade (MCCANN, 2019).

Alguns estudiosos e pesquisadores do tema ainda citam uma quarta onda do movimento feminista ocorrida a partir do ano de 2012, onde apesar do movimento já está fortemente estabelecido na sociedade, as mulheres ainda sentiam que a igualdade entre os gêneros não correspondia a como deveria ser. Entretanto, com a implantação de redes de internet que possibilitam uma troca de informações de uma maneira bem mais rápidas e com muitos lugares ao mesmo tempo, este novo cenário de manifestação muda completamente.

Esta nova onda é marcada por criação de sites e páginas online que permitem que muitas pessoas se comuniquem com facilidade, com isto, também foram criados muitos sites e grupos sociais para protestos e para o compartilhamento de suas experiências com o sexismo.

É válido ressaltar que durante todos estes períodos e ainda atualmente, temos a presença de discussões e reflexões acerca dos pensamentos e teorias feministas em todos os aspectos sociais e em qualquer lugar do mundo.

---

<sup>1</sup> O termo “pós-feminismo” é utilizado para identificar um movimento de reação contraditória ao feminismo que ocorreu no final dos anos 60, na França, onde homens e mulheres afirmavam que o feminismo já havia obtido todos os seus objetivos e que não representava mais os anseios das mulheres naqueles dias.

<sup>2</sup> Nestas novas teorias eram pautadas as lutas desta classe para com o racismo, sexismo e preconceito de classe que ainda predominava na sociedade da época.

## 2.1 EDUCAÇÃO E GÊNERO: INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO SOCIOESPACIAL DOS ESTUDANTES

A educação se configura como uma ferramenta de grande importância para a formação social e espacial de cada indivíduo, pois ela consolida a compreensão dos direitos de cada pessoa e contribui para a formação da autonomia individual e coletiva de cada um. Nesse sentido, o ensino da Geografia deve possibilitar e oportunizar que as discussões sobre gênero sejam promovidas em sala de aula, pois um dos papéis deste componente curricular é tornar os alunos cidadãos críticos ativos na sua realidade socioespacial.

Deste modo, a Geografia, ao estudar o espaço geográfico, que é constituído por múltiplas dimensões, e considerando as relações existentes entre sociedade e natureza, fornece conhecimentos que podem ser aplicados a questões transversais como o pluralismo cultural, meio ambiente, saúde e temas locais (PONTUSCHKA, 2007).

As questões de gênero, por exemplo, são poucos discutidas no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, apesar da disciplina englobar questões demográficas, de relações de trabalho, movimentos sociais, além de outras temáticas que se expressam dentro do espaço geográfico, e percebendo esta ausência de interesse de tratamento destas questões no currículo da Geografia, Silva (2010) afirma que:

As ausências da produção do saber e do poder tornaram-se focos de interesse e concebidas como contraditórias e complementares às presenças e expressões geográficas. A percepção da falta de grupos sociais ou temas que estão fora do discurso hegemônico da Geografia, não mais se justificava por sua a-espacialidade ou sua inadequação como objetos deste campo científico, mas pela hegemonia de determinada forma de conceber a produção do espaço, pretensamente universal e neutra, que abafava a voz dos grupos não- hegemônicos. Assim, as bases da construção do saber estavam sendo questionadas pelo movimento feminista, que se desenvolvia num franco engajamento político, lutando contra as desigualdades sociais e ao mesmo tempo fazendo frente ao conhecimento até então legitimado na história do pensamento geográfico. No entanto, o movimento é complexo, abrangendo variadas vertentes filosóficas e posturas político-ideológicas (SILVA, 2010 p. 42).

Desta forma, no processo de formação de professores de Geografia também não há uma forte presença de discussões referentes à relação entre educação e gênero, mesmo esse tema se caracterizando como um tema

transversal e que deve ser perpassado por todas as disciplinas do currículo escolar brasileiro.

Essa decisão é institucionalizada pelo Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, um projeto social criado no ano de 2005 pelo Governo Federal Brasileiro que um dos seus principais objetivos é fazer a revisão dos currículos do ensino básico com a prioridade de intensificar e qualificar o tratamento da temática de gênero, raça, etnia e orientação sexual (BRASIL, PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2013).

O ambiente escolar se configura como um espaço de formação de cidadãos, e por este motivo, um dos principais objetivos presentes no plano supracitado e de outros programas, como por exemplo o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (CNEDH), é o fortalecimento de ações na área educacional que contribuam para uma educação igualitária e sem discriminação no ambiente escolar. Desta forma, uma educação que inclua temas relacionados à igualdade, seja de gênero, raça, etnia ou orientação sexual, deve ser priorizada nos planos e currículos educacionais, para que os indivíduos conheçam e valorizem a diversidade social do Brasil e do mundo.

Como afirmado anteriormente, a escola se configura como uma parte relevante que contribui também para a formação identitária dos estudantes, além disso, o espaço escolar irá auxiliar na perspectiva social/espço ou socioespacial do educando ou educanda, e portanto, o professor deve contribuir, a partir de sua prática didática, nesse o processo de formação, assim como afirma Mota (2005):

A complexidade do processo de formação de uma pessoa cidadã, crítica, democrática, enfim, de sua consciência política, confirma que esse processo certamente não se constrói puramente a partir de livros; a prática social dos professores alimenta suas concepções intelectuais, e vice-versa (MOTA, 2005, p. 101).

No Brasil, após a Constituição Federal de 1988, a escola assumiu a função de cuidar da sexualidade dos estudantes para que fosse normatizado os comportamentos sexuais dentro dos padrões da sociedade, por volta de 1990 foram incluídos parâmetros e referenciais para orientar as ações educativas referentes aos temas transversais, dentre estes foi aprovado e adicionado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que tinham como objetivo introduzir os temas transversais, ou seja, discussões que deveriam refletir e perpassar

questões relacionadas a ética, cidadania, saúde, orientação sexual, e outros que objetivam contribuir para a participação e reflexão dos estudantes para com a sociedade.

Neste contexto, é essencial que o currículo da educação básica promova e insira discussões acerca de questões que perpassem todos os temas transversais, objetivando eliminar todos os conteúdos sexistas e discriminatórios e promover a inserção de temas voltados para a igualdade e valorização das diversidades.

### **2.1.1 Gênero e educação: a escolarização dos corpos e mentes**

A escola é um espaço social onde se encontra a diversidade, seja de cultura diferentes, raças, etnias, pessoas de orientações sexuais distintas, religiosidades, entre muitos outros fatores que distinguem e diversificam a sociedade em que vivemos. Ou seja, na instituição escolar contemporânea encontramos a heterogeneidade social e podemos considerar que a homogeneidade que existia em outros períodos da sociedade, atualmente é praticamente inexistente.

Entretanto, desde sua inserção na sociedade, a escola sempre se configurou como uma instituição distintiva, primeiramente por separar os indivíduos que podiam estar nela, e os que não podiam, e os que lá estavam eram distintos e categorizados de diversas formas, por relações de ordenamento e hierarquização, como afirma Louro (2014):

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2014, p. 61)

Todavia, em um certo momento da história o ordenamento jurídico prevê o acesso à escola por todos, visto isso, esta instituição precisou acolher outras pessoas e precisou se diversificar para atender às demandas e necessidades de cada uma dessas novas pessoas, e estes indivíduos com suas presenças foram mudando e transformando esta instituição, mas, apesar disto, ela não deixou de separá-los e produzir diferenças entre si. Entretanto, a quantidade de pessoas diversas socialmente, como negros, pobres, da comunidade LGBTIA+, pessoas



com deficiência, entre outros, que ainda alcançam a formação no ensino básico ou superior ainda é pequena, visto às estratégias utilizadas pelo Estado para assegurar este direito.

Apesar desta instituição defender por muito tempo que seu principal objetivo é a superação das diferenças e desigualdades, ela seleciona as pessoas e ordena os indivíduos que a compõem. Pierre Bourdieu (1998), cita em seus escritos, a exclusiva forma de diferenciação social processada pela instituição escolar, que aponta “modelos” a serem seguidos por os estudantes e a partir disto, estes sujeitos se identificam ou não com esta realidade. A partir desta perspectiva, podemos ressaltar que qualquer processo de homogeneização realizado pela escola, irá causar exclusão nos indivíduos que não se enquadrarem nos padrões estabelecidos.

O ambiente de toda escola é composto por múltiplos símbolos e artefatos representativos que podem apontar muitos sentidos, e normalmente, estes artefatos retratam momentos históricos, e conseqüentemente, na maioria das vezes as pessoas representadas nestes quadros ou objetos são figuras importantes para este momento histórico, que portam símbolos de elegância e nobreza.

Nesta perspectiva, Louro (2014) passa a refletir estes arranjos arquitetônicos, quando questiona sobre que tipos de leituras os meninos e meninas, brancos/as ou negro/as, ricos/as ou pobres farão destas representações? Quem se sente representado vendo aqueles objetos? Será que os pobres e negros? Se a escola é um espaço para todos terem acesso, devemos nos questionar se todos os indivíduos que a compõem se sentem representados ou não, e se estes ambientes estão sendo distribuídos e utilizados de forma igual por todas estas pessoas.

Apesar das mudanças e evoluções dos últimos tempos, esta instituição ainda é reconhecida por imprimir sua marca nos sujeitos que perpassam por ela. Os antigos manuais já ensinavam que os professores deveriam fazer com que seus alunos estivessem um corpo escolarizado, onde isto seria a chave para a distinção destas pessoas escolarizadas das outras que não frequentavam esta instituição. Diante desta perspectiva, Foucault (2010), afirma

A disciplina “fabrica” indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como

instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante [...]; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos de Estado. (FOUCAULT, 2010, p. 164)

O espaço escolar em sua forma geral, “ordena” aos indivíduos o que pode ou não ser feito ou como deve se portar, conseqüentemente, se forma uma identidade ou corpo escolarizado, pois, a partir disto o estudante vai aprender a ter uma postura, a sentar, e reproduzir gestos e movimentos “modelos” da escola. Além disso, os seus sentidos, como a fala por exemplo, também serão treinados para responderem de determinadas maneiras de acordo com a intencionalidade que se têm, todas estas características serão reproduzidas no ambiente escolar e serão incorporados por seus corpos e mentes durante o processo de escolarização.

Na escola, as pessoas são instruídas a dividir o tempo e o espaço de cada coisa, porém, neste processo haverá condições de divisões sociais, raça, sexualidade, etnia, gênero e classe que irão interferir e determinar como você pode ou deve viver a sua vida, ou seja, a instituição escolar produz identidades escolarizadas.

Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. (LOURO, 2014, p. 65)

Na concepção de Foucault (2010) são as relações que se desenvolvem e permeiam o contexto social que caracterizam o poder, ou seja, o fenômeno não acontece de forma unificada e centralizada, pois não existe o poder, mas sim, as relações de poder, desta forma ele cria a alusão de que poder não é o que se tem, mas o que se pratica ou concretiza. A partir desta ideia, o autor discute a questão relacionada à instituição escolar e a assemelha a uma prisão, pois, para ele, a estrutura, a organização de forma hierárquica, a vigilância contínua e os mecanismos de disciplina, se parecem com a do sistema prisional. Nesta perspectiva, Foucault (2010) afirma que:

Na oficina, na escola ou no exército, há toda uma micropenalidade do tempo – atrasos, ausências, interrupções das tarefas; da atividade – desatenção, negligência, falta de zelo; dos discursos – tagarelice, insolência; do corpo – atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira; da maneira de ser – grosseria, desobediência; da sexualidade – imodéstia, indecência, que funciona como repressora. Ao mesmo tempo, como forma de punição toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve à privação ligeira e a pequenas humilhações (FOUCAULT, 2010, p. 175)

A partir da perspectiva apresentada por Foucault, podemos pensar a educação escolar como uma das partes constituintes do processo de ensino-aprendizagem, mas também do ato de disciplinar, vigiar e punir.

As relações de gênero dentro do ambiente escolar devem ser refletidas e questionadas a partir das práticas cotidianas executadas em sala de aula, pois na escola é “natural” que meninos e meninas se separem para grupos de trabalhos, desenvolvimento de atividades, na hora de brincar e muitas vezes propondo competições. Desta forma, os interesses de cada gênero são direcionados para características específicas, normalmente, as meninas se dedicam a atividades mais tranquilas e os meninos às mais agitadas (LOURO, 2014).

É importante refletir sobre os discursos e ações existentes quando comportamentos pré-determinados por gênero fogem do padrão esperado, além da forma como a escola direciona essa situação. Portanto, é fundamental refletir sobre os currículos escolares e a forma na qual eles atuam dentro da instituição escolar, os procedimentos de ensino, materiais didáticos e as formas de avaliação devem ser questionadas, pois, estas podem estar sendo produtoras de desigualdades ou discriminações dentro do ambiente escolar, por conseguinte o professor deve refletir o que ensina e o modo como ensina, e que sentido os alunos darão ao que aprenderam. (LOURO, 2014)

A linguagem é um dos principais elementos a serem pensados a partir desta problematização, pois, a partir são expressas distinções e desigualdades que remetem a discussão de gênero. Na concepção de Louro (2014), as táticas de organização e classificação como a linguagem se caracteriza como um exercício (desigual) do poder, que vão ordenar, dividir, hierarquizar, subordinar, legitimar ou desqualificar as pessoas a quem se refere. Um exemplo disso e que ocorre muitas vezes em ocasiões públicas é o ocultamento do feminino, nos

casos em que apenas é utilizado pronomes de tratamento voltados para o público masculino, desta forma, atualmente é proposto que sejam utilizadas formas de tratamento não sexistas, a fim de promover a igualdade de gênero através da linguagem.

Neste cenário, é importante que a instituição escolar reconheça as formas de desigualdade social que possam estar sendo impostas em seu âmbito e a partir disto pense estratégias para acionar intervenções a partir destas problemáticas.

### **3. A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO**

Gênero e outras discussões relacionadas a este tema vem sendo fortemente discutidas em toda a sociedade, a partir dos variados meios de comunicação que compartilham informações sobre diversos assuntos a todo tempo, desta forma, algumas ideias são redirecionadas sobre diferentes temas e implantadas na sociedade. Muitas vezes estas ideias são influenciadas por estereótipos e padrões impostos pelos grupos sociais e isto também se redireciona a imagem e identidade da mulher que é disseminada na comunidade em geral.

Hodiernamente, na realidade brasileira o livro didático ainda é reconhecido como o recurso didático-metodológico mais utilizado na sala de aula do ensino básico de educação. Apesar das novas tecnologias do século XXI, este recurso ainda é muito essencial, por este motivo deve ser pensado e refletido de forma crítica para que este objeto de estudo não repasse informações incoerentes ou não verdadeiras para o público que o utiliza.

Nesta perspectiva, Ferreira (2005) afirma que o Livro Didático é “apoio pedagógico, mas antes disso ele é mercadoria, é veículo de transmissão de ideologias, valores, representa um determinado grupo social e tem que ser analisado como tal”. Desta forma, este material carregará uma ideologia, interesses capitalistas das editoras que produzem ele e de outros, todavia, uma vez que a educação e o Livro Didático são elementos coordenados por parâmetros, diretrizes e legislações, faz-se necessário pensarmos como a mulher está inserida nestes componentes, visto que eles são os primeiros e principais norteadores da educação brasileira.

A partir disso, nos questionamos sobre a forma que vem sendo abordada a imagem da mulher e as relações de gênero dentro do Livro Didático e se a linguagem utilizada nos textos e legendas das imagens estão sendo coerente e neutra, em termos de linguagem de gênero. Um outro ponto observado são as principais imagens dos textos a fim de se refletir se são imagens que transmitem preconceito e discriminação sobre a mulher.

Para que o/a professor/a possa utilizar este recurso no planejamento e como mediador de suas aulas, há a necessidade de desenvolvimento do uso crítico do livro didático por parte do professor junto com os alunos (LEITE, 2010).

Em muitos momentos da sociedade a mulher foi considerada e representada como um ser inferior ao homem, talvez por este motivo que o gênero feminino até hoje ainda é considerado minoritário, talvez seja também porque a mulher sempre foi posta como submissa ao homem, além de do argumento amplamente sobre a suposta fragilidade e delicadeza feminina. E de uma forma geral a história da humanidade é representada como a história dos homens e não das mulheres (Rabelo, 1997).

Nos Livros Didáticos de Geografia e manuais utilizados para nortear as aulas dos docentes, encontramos temas que tratam sobre relações de trabalho e nestes temas em específico, é onde podemos encontrar em muitos dos casos falas e argumentos que fazem uma divisão sexual do trabalho, na qual vai separar tarefas específicas determinadas a partir do seu sexo. Desta forma, apresentam tarefas que exigem mais paciência e delicadeza ou habilidades manuais às mulheres, pois, retratam elas como mais calmas e mais pacientes. Na concepção do capitalismo intensivo onde se classifica as atividades de alta tecnologia, normalmente as representações que encontramos são masculinas, já as de menor qualificação são empregadas para as mulheres.

Em uma breve análise sobre os parâmetros e documentos oficiais que são utilizados para nortear e disponibilizar os livros didáticos percebe-se que existe uma predominância do discurso baseado e construído no masculino, inviabilizando a figura feminina. No corpo textual da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) podemos perceber a utilização da palavra “homem” para se referir a humanidade, além de utilizar pronomes masculinos para se tratar de homens e mulheres, um exemplo disso, é uma frase contida no Artigo 13 do Título IV – Da Organização da Educação Nacional, item III da LDB de 1996, onde diz “zelar pela aprendizagem dos alunos”, que poderia ser retificada para os/as alunos/as.

A base de análise utilizada foram três livros didáticos da disciplina de Geografia, onde buscamos compreender os modos pelos quais as mulheres foram representadas. Foram selecionados para a realização deste estudo, três livros de Geografia do ensino médio, do 1º ano, 2º ano e 3º ano, que fazem parte de uma coletânea denominada “Território e Sociedade no mundo globalizado”

(LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro; MENDONÇA, Cláudio), do ano de 2016, São Paulo, Editora Saraiva. Implantado pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e o Ministério da Educação para os anos de 2018, 2019 e 2020.

As análises das representações da mulher enquanto gênero feminino nestes livros didáticos foi constituído a partir de textos e imagens que discutam sobre a mulher, fazendo-se necessário que estas representações se constituam como elementos importantes no processo cognitivo que irá formar a percepção social dos/as estudantes que irão ser compartilhadas em sua realidade e que possibilitará a comunicação. Que irão fazer com que estas representações se tornem conhecimento para o cognitivo humano a partir do momento em que o indivíduo tem acesso a imagem, um conceito ou alguma outra forma de comunicação, construindo a ideia de que as representações são construções sociais e históricas. (PEREIRA, 2013)

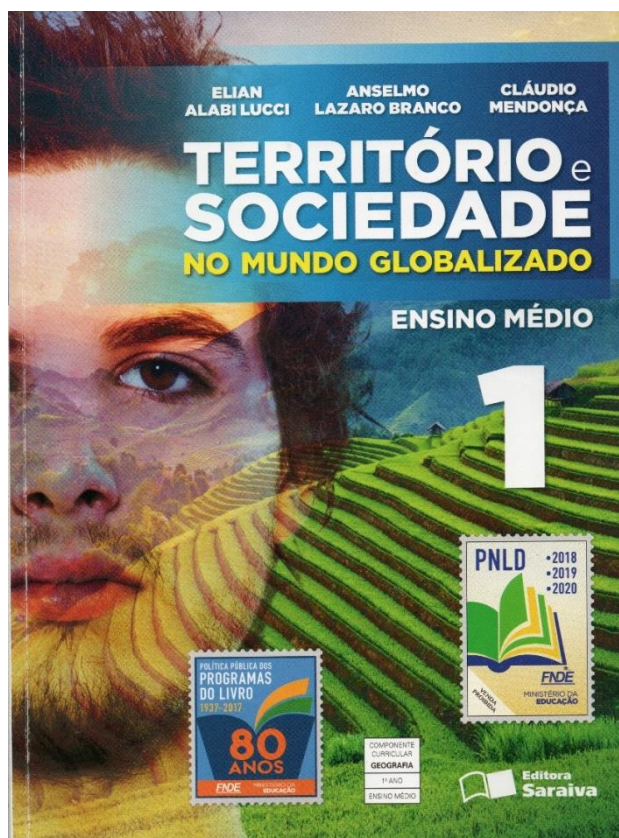
Foram observadas e quantificadas duas categorias no decorrer dos livros. A primeira é a quantidade de vezes que a imagem da mulher aparece e a quantidade de vezes que a imagem do homem aparece, usando os mesmos critérios, além da quantidade de vezes da imagem de homens e mulheres juntos. A segunda é sobre os textos complementares (“Leitura e discussão”; “Ponto de vista”; “Conexão”; “Contraponto”) que aparecem no decorrer dos livros, separando da mesma forma, o quantitativo para de mulheres e homens.

Uma primeira observação geral sobre a coletânea é que os escritores trabalham com uma linguagem masculina. Podemos encontrar resquícios disto já na apresentação, onde utilizam pronomes masculinos, como exemplo [...] esperamos que esta coleção possa auxiliá-lo em seus estudos, ampliar seus conhecimentos e sensibilizá-lo para as grandes questões[...] (LUCCI, 2016, p.3). Desta forma, na continuidade do material os autores se referem ao público leitor do Livro Didático com pronomes masculinos, o que camufla a imagem da mulher como leitora dele.

O primeiro livro a ser analisado foi o primeiro da coletânea “Território e sociedade no mundo globalizado”, volume 1, do 1º ano do ensino médio, de Elian Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça, produzido pela Editora Saraiva em 2016, estava em sua 3ª edição e possui 288 páginas. Na capa

podemos encontrar metade do rosto de um homem branco e algumas plantações de arroz na parte de trás.

Figura 1- Capa do livro do 1º ano.

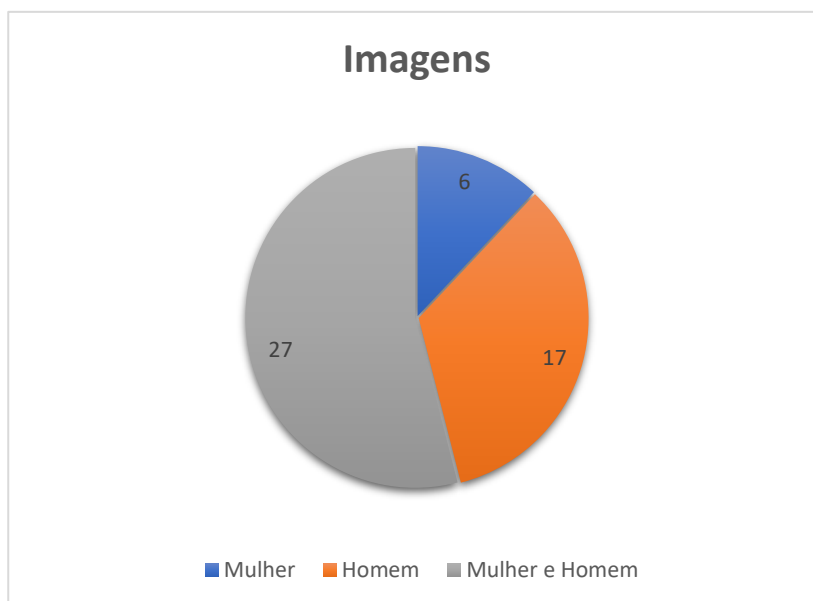


Fonte: LUCCI, 2016, vol. 1.

Em relação as imagens e leituras complementares livro do 1º ano, verificou-se que este livro didático apresenta mais imagens de homens do que de mulheres, como podemos ver no gráfico 1, são 17 imagens de homens comparadas a apenas 6 de mulheres, e 27 imagens que apresentam os dois gêneros, desta forma, podemos notar a discrepância que se têm em relação à aparição visual entre os gêneros neste material didático, abrindo espaço para uma possível questão de desigualdade social entre os gêneros. Já no gráfico 2, podemos perceber como neste livro como as referências em textos complementares dos conteúdos são predominantemente de autoria de homens, são 22 escritos de homens, 6 de mulheres e 2 escritos por ambos os sexos.

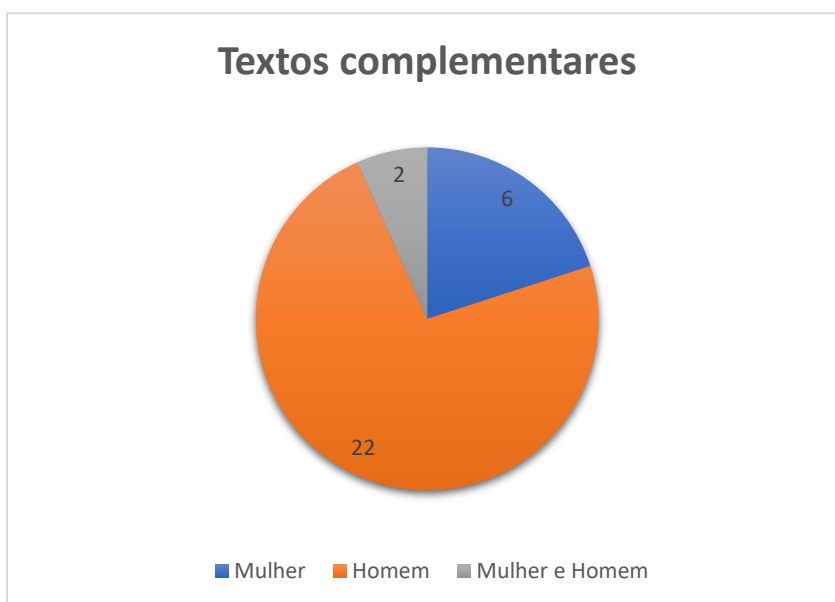


Gráfico 1- Quantidade de imagens de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 2- Quantidade de textos complementares de autoria de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O segundo livro a ser analisado da coletânea “Território e sociedade no mundo globalizado”, volume 2, do 2º ano do ensino médio, de Elian Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça. Produzido pela Editora Saraiva em 2016, estava em sua 3ª edição e possui 288 páginas. Na capa podemos encontrar metade do rosto de uma mulher negra e atrás aparece a vista de uma grande central na China.

Figura 2- Capa do livro do 2º ano.

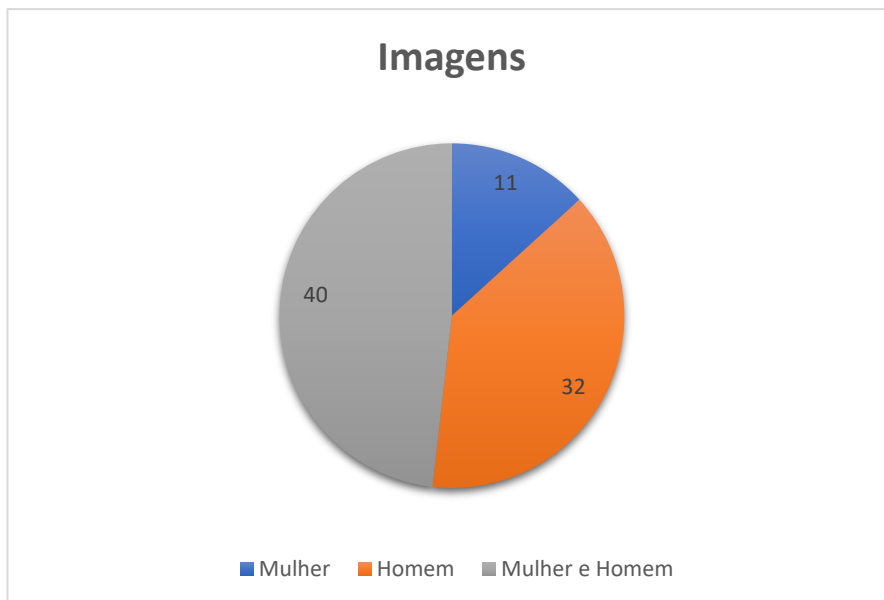


Fonte: LUCCI, 2016, vol. 2.

Relacionando a análise das imagens e leituras complementares do livro do 2º ano, podemos perceber de acordo com o gráfico 3, que ainda existe uma grande diferença na quantidade de imagens destinadas ao feminino e ao masculino, neste temos 40 imagens de homens ,32 de mulheres e 11 de ambos, neste temos uma diminuição da discrepância que aconteceu no livro anterior, mas a imagem do homem ainda é colocada em destaque. Já os textos complementares, ainda podemos perceber de acordo com o gráfico 4, a forte presença de textos escritos pelo gênero masculino, neste temos 11 textos de

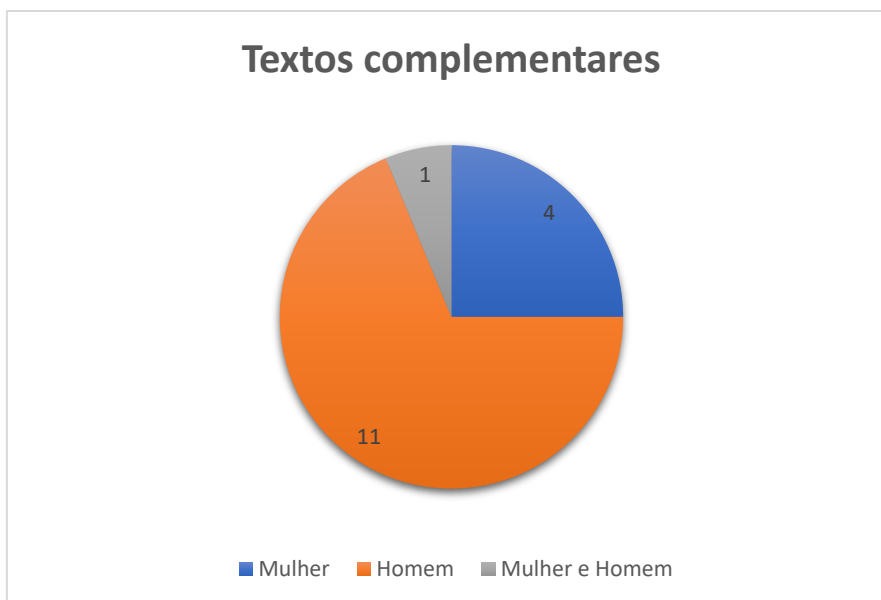
homens, 4 de mulheres e 1 de ambos, o que possibilita a desvalorização da pesquisa e estudo feitos por mulheres.

Gráfico 3- Quantidade de imagens de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Gráfico 4- Quantidade de textos complementares de autoria de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O terceiro livro a ser analisado da coletânea “Território e sociedade no mundo globalizado”, volume 3, do 3º ano do ensino médio, de Elian Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça. Produzido pela Editora Saraiva

em 2016, estava em sua 3ª edição e possui 280 páginas. Na capa podemos encontrar metade do rosto de uma mulher branca e por trás podemos perceber uma formação urbana.

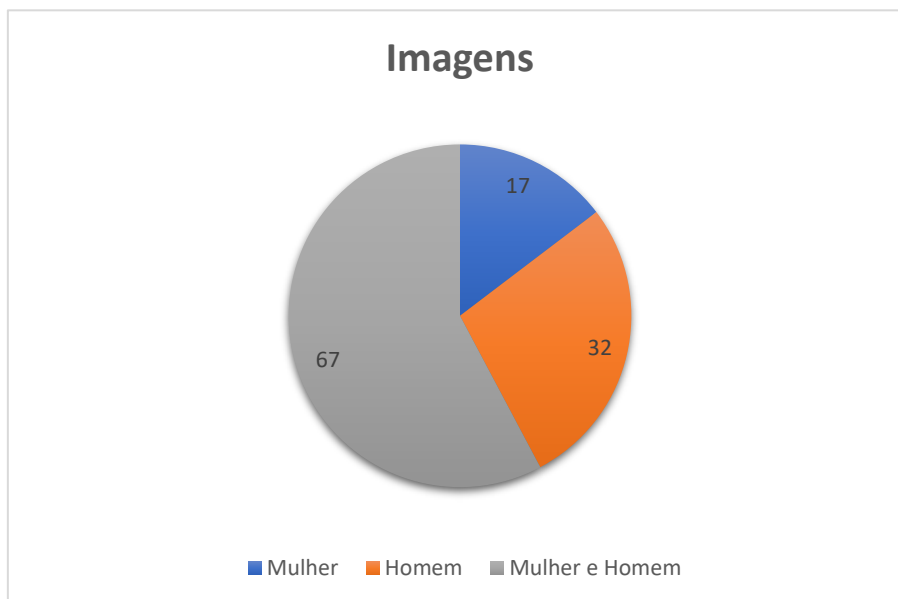
Capa do livro do 3º ano.



Fonte: LUCCI, 2016, vol. 3.

Na análise dos dados obtidos a partir das imagens e leituras complementares livro do 3º ano, podemos reforçar que assim como nos outros livros da coletânea, a imagem masculina ainda é colocada mais vezes do que a feminina, como podemos perceber no gráfico 5, colocando o homem como figura principal em destaque nas discussões que temos no decorrer do material, colocando a mulher sempre em segundo patamar. Relacionado aos textos complementares, como vemos no gráfico 6, temos um total de 18 escritos feito por homens, 8 por mulheres e 1 por ambos, reforçando a ideia de que as pesquisas e estudos feitos pelos homens são mais valorizados dentro do espaço acadêmico e profissional.

Gráfico 5- Quantidade de imagens de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Gráfico 6- Quantidade de textos complementares de autoria de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir da análise dos dados contidos nos gráficos podemos perceber como os Livros Didáticos de Geografia precisam urgentemente de mais presença e representação feminina. Os gráficos mostram a discrepância em relação a esta aparição da mulher e a do homem, o que contribui para a

invisibilidade feminina dentro deste recurso didático-metodológico. Em todos os casos a quantidade das imagens de homens é superior à de mulheres.

Diante dos dados apresentados podemos pensar através das intencionalidades que estão presentes nas escolhas dessas imagens, fazendo com que os homens estejam mais presentes nos livros, e que se torne menor os espaços destinados ao feminino. De acordo com Moreno (1999) o valor e a importância de uma imagem são notórios para o sexismo, quando você tem acesso a algum livro, que vê as imagens que o ilustram, levando em consideração a origem e o caráter que irá representar estas gravuras.

A representação da mulher que está sendo dada também é um elemento importante a ser analisado, em muitas das imagens femininas contidas no material, a mulher não está sendo representada em um papel de poder, tanto quanto as representações masculinas. Podemos citar exemplos do LD do 1º ano, na qual em 4 das 6 imagens que possuem de mulheres, as 4 mostram elas em situação de vulnerabilidade social e situações desfavoráveis, conforme as figuras 4 e 5.

Figura 4- Catadoras de caranguejo em mangue.<sup>3</sup>



Fonte: LUCCI, 2016, vol. 1, p. 166.

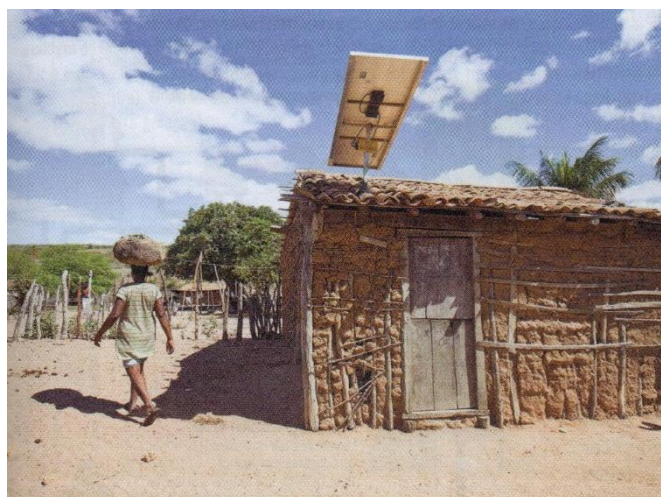
---

<sup>3</sup> A legenda original do livro é: Catadoras de caranguejo em manguezal no Arquipélago de Tinharé, em Cairu (BA), 2015.

Figura 5- Mulher coletando água. <sup>4</sup>

Fonte: LUCCI, 2016, vol. 1, p. 187.

As imagens expostas ilustram o lugar que a mulher representa nos livros didáticos analisados. Uma representação que na maioria dos casos coloca a mulher em um papel de retratação da casa e da família, assim como observado nas figuras 6 e 7. Já na figura 8 podemos refletir a partir da questão de ser mulher e ser apontada como minoria e ainda ser negra, a mulher negra sofre ainda mais em ser apontada em situações desfavoráveis e de vulnerabilidade, na maioria das vezes em que são representadas, são mostradas em situações de pobreza e fome.

Figura 6 – Mulher carregando saco sobre a cabeça. <sup>5</sup>

Fonte: LUCCI, 2016, vol. 2, p. 169

<sup>4</sup> A legenda original do livro é: Mulher coleta água em açude, em Vitória da Conquista (BA), 2012.

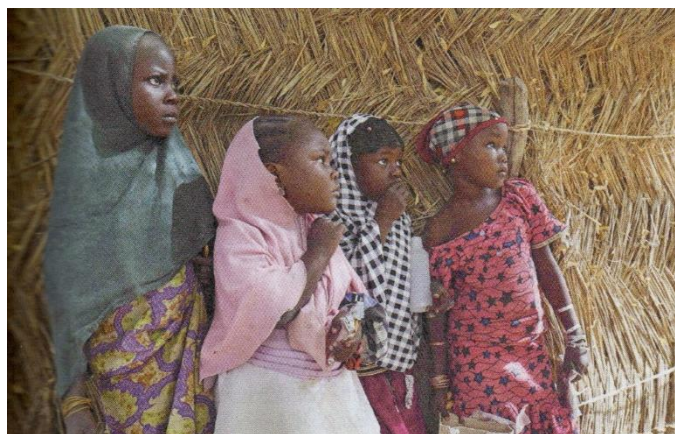
<sup>5</sup> A legenda original do livro é: Casa de pau a pique com painel de captação de energia elétrica, em Glória (BA), 2012.

Figura 7 - Agricultora trabalhando com criança nas costas. <sup>6</sup>



Fonte: LUCCI, 2016, vol. 2, p. 263.

Figura 8- Meninas observando soldados na Nigéria. <sup>7</sup>



Fonte: LUCCI, 2016, vol. 3, p. 69.

Na figura 9 podemos perceber a relação que se dá quando se trata de trabalho para o gênero feminino, como podemos observar a imagem, o trabalho é manual e desvalorizado. Raramente encontramos alguma representação em que a mulher esteja em uma posição superior e de valorização, normalmente as imagens destas posições são representadas por homens.

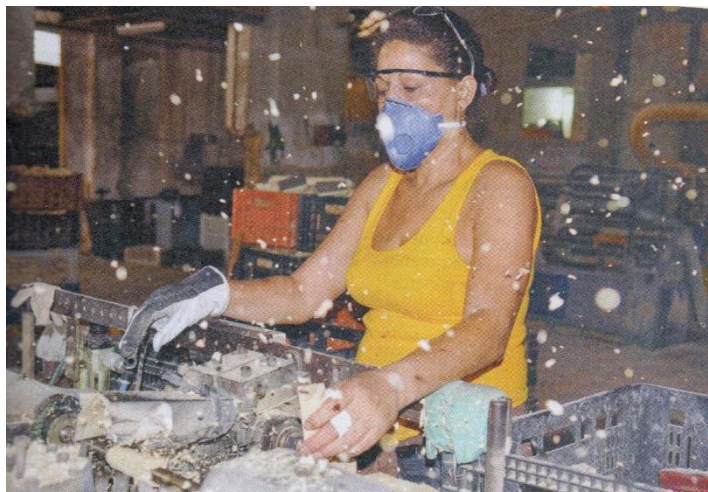
---

<sup>6</sup> A legenda original do livro é: Agricultora carrega seu bebê enquanto trabalha em Daga Birame (Senegal) 2015.

<sup>7</sup> A legenda original do livro é: Meninas observam assustadas soldados na cidade de Damasak (Nigéria), em março de 2015.



Figura 9- Marceneira produzindo peças em madeira. <sup>8</sup>



Fonte: LUCCI, 2016, vol. 3, p. 169.

Em relação aos textos complementares, em todos os livros é predominante os escritos dos geógrafos homens. Portanto, podemos perceber o quanto os escritos das autoras e estudiosas da Geografia são anulados em materiais tão importantes quanto o Livro Didático, o que expressa o quanto ainda esse espaço de produção do conhecimento científico é masculino.

Portanto, cabe aos professores/as mediar, problematizar e refletirem as imagens, nas múltiplas linguagens que podem ser utilizadas dentro da sala de aula, para que não venha a se reproduzir ideias ou pensamentos desiguais ou discriminatórios em relação à imagem feminina.

Apesar do ambiente escolar ser um espaço em que a presença feminina seja predominante, existe marcas fortes do gênero masculino, assim como na sociedade de forma geral, e isto contribui para a construção da desigualdade de gênero dentro da escola e da sala de aula, sendo necessário que o LD adotados pela rede de ensino seja múltiplo, respeitando as diferenças e particularidades dos sujeitos.

---

<sup>8</sup> A legenda original do livro é: Marceneira trabalha em torno na produção de peças de madeira em Mirassol (SP), 2014.

## 5 CONCLUSÃO

Apesar dos avanços tecnológicos contemporâneos, o livro didático ainda é bastante utilizado no espaço escolar brasileiro, principalmente no ensino de Geografia, pois a ciência geográfica compreende uma grande quantidade de teorias, as quais podem ser resumidas e facilitadas através da utilização destes recursos mediadores, sendo assim, este é um material que deve ser devidamente refletido e pensado, pois, para muitos pode ser a única fonte de estudo e pesquisa. Por este motivo, se faz importante a investigação de como estão sendo apresentados temas da sociedade que são relevantes para a formação da percepção socioespacial do estudante na disciplina de Geografia. Temas tais como relacionados a gênero e sexualidade, o qual foi estudado e analisado a partir dos livros didáticos neste trabalho.

Diante disto, podemos afirmar que discutir gênero e sexualidade no estudo de Geografia ainda gera certos desconfortos e polêmicas, apesar de nesta disciplina, serem discutidos diversos assuntos que perpassam relações entre população e indivíduos, as relações de gêneros ainda são pouco elencadas, o que se reflete nessa lacuna existente nos livros didáticos desta área, que ainda não apresentam conteúdos que discutam este tema.

A maioria das vezes em que temos representações femininas, elas se fazem de forma desigual e discriminatória, o que pode levar ao estudante que utiliza este material a pensar esta realidade de uma forma que não corresponde à verdade absoluta. A negligência da discussão destas temáticas na formação dos educandos e educandas, pode refletir em uma formação da percepção socioespacial distorcida.

Este trabalho atingiu os objetivos propostos de analisar e refletir sobre as representações da figura feminina que são apresentadas pelos livros didáticos de Geografia do ensino médio, foi um grande passo para compreendermos que este tipo de material utilizado em sala de aula deve ser visto cuidadosamente pelo professor na utilização de suas aulas para que os alunos criem suas identidades e compreensões do mundo e sociedade de uma forma coerente e igualitária.

Portanto, podemos contribuir com a ideia de que tais questões precisam ser mais discutidas no ensino-aprendizagem de Geografia, pois é uma questão

presente e recorrente no ambiente socioespacial dos estudantes, tornando-se relevante compreender as conexões existentes entre esses materiais e os elementos dentro da cultura escolar.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.
- BRASIL. **PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES**, 2013-2015. Presidência da República, 2013.
- BRASIL. **PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES**, 2013-2015. Presidência da República, 2013.
- CATAPAN, A. H. O processo do trabalho escolar: determinações e contradições. **Perspectiva**. v.14, n. 26. Florianópolis. Jul/dez. 1997. 93-104 p.
- CONFORTIN, H. Discurso de gênero: a mulher em foco. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês, (Org.). Representações do feminino. Campinas. **Átomo**, 2003, p. 107-123.
- FERREIRA, A. R. **Representações da história das mulheres no Brasil em livros didáticos de história**. 2005. Dissertação (Mestrado) – UEPG, Ponta Grossa, 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 38ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 176 p. Tradução de: Bhuvi Libanio.
- LEITE, J. L. **História**: coleção explorando o ensino. 21. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2010. 212 p. Coordenação Margarida Maria. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/750511/cole%C3%A7%C3%A3o-explorando-o-ensino-hist%C3%B3ria-volume-21>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- LIBÂNIO, I.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M.S. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo, Cortez, 2003. 544 p.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.
- LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C., **Território e sociedade no mundo globalizado**. ensino médio, vol. 1, ed. 3, Editora Saraiva, São Paulo, 2016.

- LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C., **Território e sociedade no mundo globalizado**. ensino médio, vol. 2, ed. 3, Editora Saraiva, São Paulo, 2016.
- LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C., **Território e sociedade no mundo globalizado**. ensino médio, vol. 3, ed. 3, Editora Saraiva, São Paulo, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. Petrópolis/RJ, 2008. 27ª Ed.
- MCCANN, H. **O livro do feminismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 352 p. (As grandes ideias de todos os tempos). Tradução de: Ana Rodrigues.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo; Campinas: Moderna; Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1999. (Educação em Pauta: escola e democracia).
- MOTA, K. C. C. da S. Os lugares da sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 29, p.88-107, 2005.
- PEDRO, E. R. **The unbearable lightness of beign**. In: Emilia Ribeiro Pedro, E. Ribeiro. (Org.). **Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference on Discourse Analysis**. Lisboa: Edições Colibri. 1997.
- PEREIRA, A. M. **A representação da mulher no livro didático de História**. 2013. Monografia - Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. 50p.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANNELLI, T. I. CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007. 383 p.
- RABELO, G. **Trabalho Arcaico no Moderno Mundo da Moda**. 1997. 204 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado) – Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1997. Disponível em: <<https://repositório.ufsc.br/handle/123456789/111411>> Acesso em: 15 fev. 2022.
- REIS, M. L. Estudos de gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço. **Espaço e Cultura**, n. 38, p. 11-34, jul. dez. 2015.

- SCHMITT, N. G. **A INFLUÊNCIA DA CULTURA PATRIARCAL NA PRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS E NA CONSTRUÇÃO DAS DESIGUALDADES ENTRE HOMENS E MULHERES**: um olhar dos profissionais que atuam na rede de proteção social no município de araranguá/sc. 2016. 29 f. Artigo (Pós-graduação) - Curso de Serviço Social, Educação e Direitos Humanos, Universidade do Sul de Santa Catarina, Araranguá, 2016.
- SILVA, J. M. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura: UERJ**. n 27, p. 39 -57, Jan/Jun 2010.
- VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v.21, p. 207-238, mai. 2006.
- WASCHINEWSKI, S. DA C.; RABELO, G.; ALVES, I. G. Gênero e a invisibilidade da mulher nos livros didáticos de geografia do ensino médio no sul de Santa Catarina. **Revista Inter Ação**, v. 42, n. 3, p. 574, dez. 2017.